BRUNA • FONTES

O ANO-NOVO DOS MEDINA-BECKER

UM CONTO DE SUPERLATIVO

O ANO NOVO DOS MEDINA-BEKCER
Copyright © 2020 by Bruna Fontes

Todos os direitos reservados pela editora **Duplo Sentido Editorial**. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

1ª edição - Dezembro de 2020

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

COORDENADOR EDITORIAL
Vanessa S. Monteiro

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Vanessa S. Monteiro

PROJETO GRÁFICO
Gabriella Regina e Bruna Fontes

DIAGRAMAÇÃO
Vanessa S. Marine

ILUSTRAÇÃO
Freepik

Este conto é o volume #3,5 da série de livros *Medina-Becker* escrita por Bruna Fontes e publicada pela **Duplo Sentido Editorial**.

Duplo Sentido editorial

DUPLO SENTIDO EDITORIAL
contato@duplosentidoeditorial.com

@duplosentidoed
www.duplosentidoeditorial.com

BRUNA • FONTES

O ANO NOVO DOS MEDINA-BECKER

UM CONTO DE SUPERLATIVO

#3,5 da série Medina-Becker

Duplo Sentido editorial

1ª EDIÇÃO

SÃO PAULO- 2020

A todos aqueles que amam amigo oculto (ou secreto) em família! Que o novo ano venha junto de muita esperança e amor

— Mas por que você tá obcecado pelo ano 2020? — perguntou Patrícia, antes de colocar mais uma porção de pipoca caramelizada dentro da boca.

Era 31 de dezembro de 2018 e os irmãos Medina-Becker estavam reunidos na casa dos pais, momentos antes da festa de Réveillon. Eles geralmente não passavam essa data em família, mas naquele ano calhou de todos decidirem ir para Assunção. João Augusto tinha combinado uma festa com os amigos da cidade, e Cali, é claro, ficaria com ele. A festa acabou tomando proporções maiores do que o previsto e os amigos de Stella e Patrícia também decidiram comparecer, o que fez as duas mudarem seus planos. Já os amigos de Apolo e Hélio no Rio se dispersariam naquele ano, deixando os rapazes sem um plano concreto, e acabaram se juntando à festa de Assunção também.

— Não é uma obsessão, mas é que 2020 vai ser o meu ano — Apolo explicou, com convicção. Eles estavam amontoados no sofá da sala de estar da casa que, para todos, era o lar da família Medina-Becker, não importava onde eles acabassem morando. E apesar de compartilharem suas expectativas para o próximo ano de 2019, não paravam de falar sobre 2020.

— Ele foi numa numeróloga — Cali explicou melhor, revirando os

olhos. — A mulher disse que 2020 era um número importante pra ele, que era para esperar grandes coisas desse ano — Cali riu com escárnio. — Dá pra acreditar?

— É claro que dá — Apolo se defendeu. — Pro seu governo, essa é a mesma numeróloga que a Ana Maria Braga se consulta há anos.

— Uau, Apolo — Stella riu. — Agora eu tô curiosa pra saber o que de tão importante vai acontecer com você. Será que vai afetar a gente?

— Tudo que acontece com o Apolo acaba afetando a gente — Hélio balbuciou, o que fez Cali concordar. — Ainda mais agora.

— Será que 2020 vai ser o ano em que você vai, sei lá, ficar noivo da Dani? — Patrícia jogou a bomba, provocando o irmão, que arregalou os olhos azuis na pele negra. Cali, Stella e Hélio riram, e João Augusto apareceu na sala quando ouviu a comoção.

— O que rolou? — ele perguntou, segurando um picolé de chocolate. Deu uma mordida e sentou ao lado de Patrícia enquanto eles explicavam.

— Aparentemente o Apolo vai se casar em 2020 — Hélio deu a boa notícia, se divertindo mais do que podia.

João soltou uma risada e Apolo se virou para ele.

— Qual foi, João Augusto?

— Nada, ué — ele continuava rindo. — Tem que ver é se a Dani vai aceitar, isso sim.

— É óbvio que não, imagina se casar antes dos 25 — Stella estremeceu só de pensar.

— Disse a guria que já anda pensando em se mudar com a namorada — Pat provocou.

— Ah, mas sapatão é assim mesmo, né? — Apolo aproveitou para dar o troco na irmã. — Tudo emocionada.

— Tu não pode me chamar de sapatão — Stella repreendeu. — Tu é hétero, não tem lugar de fala.

— Ela tem razão — disse Hélio. — Até porque ela é bi.

— Ai, lá vem a dupla dinâmica — Pat revirou os olhos de brincadeira, mas Stella e Hélio não se abalaram. Eles gostavam de ser a dupla dinâmica, fosse lá o que isso significasse.

— Ei — Leo chamou da porta da cozinha. Os irmãos o encararam ao mesmo tempo. — O que vocês estão fazendo aí? A gente tá esperando pra começar.

— O Edu já tá no Skype? — Cali perguntou.

— Já, só faltam vocês.

Os seis então se levantaram e seguiram atrás de Leo. Maia e Clara estavam ajudando Otávio com o churrasco que já tinha começado a ser servido no quintal da casa. Hipólita estava sentada no deque da piscina, digitando em seu celular enquanto Selene brincava com as Barbies que ganhara na semana anterior, de Natal. Hipólita levantou o olhar quando os irmãos se aproximaram.

— Finalmente — ela disse, com toda sua energia adolescente e impaciente.

Hipólita tinha crescido bastante desde que a família se juntara. Ela tendia a ser uma garota bem autocentrada e dramática quando era mais nova, o que resultava em crises colossais por coisas pequenas. Alguns dos seus irmãos não tinham paciência (como era o caso de Calíope), outros achavam a garota muito engraçada (como Apolo e Patrícia), mas o fato inegável era que até mesmo Hipólita tinha amadurecido. Ela tinha acabado de se formar no Ensino Médio e ainda estava esperando para saber se tinha passado nos vestibulares que desejava, mas estava tentando não pensar tanto nisso para "não estragar a *vibe*" (segundo suas próprias palavras).

— Foi você que me tirou, né, chatinha? — perguntou João Augusto, sentando ao lado dela. A garota revirou os olhos, exatamente igual a Cali, o que sempre fazia João rir. Não era à toa que brigavam tanto; as duas eram iguais. As brigas, entretanto, tinham ficado cada vez menos frequentes e elas até gostavam de fazer coisas juntas (só não admitiam para ninguém).

— Bem que você queria, né, já que eu sou a única que tem bom gosto nessa família — ela implicou.

— Ei! — Stella protestou, com um pão de alho na mão. — Fui eu que te criei, guria.

Stella realmente sempre fora uma inspiração para Hipólita, embora a *vibe* das duas não pudesse ser mais diferente. Stella havia sido a primeira Becker com quem Hipólita criara um laço, por mais improvável que isso tenha sido, já que no início Stella não estava muito feliz com a nova família.

— Isso é mentira, a Maia tem muito bom gosto também — Leo saiu em defesa da sua melhor amiga. A menina corou um pouco, mas não tentou desmentir, pois não reclamaria por ser validada uma vez na vida. Hipólita e Stella sempre recebiam atenção pelo gosto certeiro, mas Maia não ficava nem um pouco atrás, apesar da pouca idade.

— Tem muita gente com bom gosto nessa família — disse Otávio, fazendo um carinho na cabeça de Maia, que sorriu para o padrasto. Ele serviu mais carne na tábua em cima da mesa do quintal e Apolo, Cali e Leo voaram como urubus. — Mas acho bom a gente começar o amigo secreto logo antes que vocês tenham que ir pras suas festas.

— É a mesma festa, pai — corrigiu Pat, que estava perto do computador que mostrava a sala da casa de Edu na Inglaterra. — Mas tu tens razão, vamos lá dentro pegar os presentes.

Amigo secreto (ou oculto) não era uma atividade comum do Ano Novo, mas como eles não fizeram isso no Natal, e como pela primeira vez todos estariam em casa no dia 31, Otávio sugeriu que trocassem alguns presentes simbólicos no dia. Todos concordaram em fazer um amigo oculto de meias, o que agradou a maioria da família.

Eles foram buscar os presentes em seus quartos e voltaram rapidamente para uma reunião familiar bastante informal. Edu também voltou a aparecer na tela do notebook e, assim, a brincadeira finalmente poderia começar.

— Quem vai primeiro? — indagou Cali.

— O pai, porque ele é o mais velho — respondeu Stella, e todo mundo concordou. Eles estavam perto um do outro no quintal, alguns sentados no deque da piscina, outros nas cadeiras da mesa perto da churrasqueira. Otávio ficou de pé em frente aos filhos, segurando um embrulho prateado que Clara tinha comprado para ele.

— Antes de começar, eu queria dizer que tô muito feliz de encerrar o ano vendo as carinhas de todos vocês — disse Otávio Becker, o sentimental. Ele suspirou, pensando no seu discurso. — O que posso dizer sobre meu amigo secreto? Tem muito que pode ser dito sobre ele — Otávio riu. — Pra começar, ele é um piá e eu só o conheci já adolescente.

— Ai, pai, aí ficou fácil demais — Pat reclamou, seguida por um burburinho. — Só pode ser o Apolo ou o Hélio.

Otávio fez uma cara travessa de quem não sabia como brincar.

— Foi menos óbvio do que eu pretendia dizer antes — ele se defendeu. — Meu amigo secreto é a pessoa mais carismática dessa família, e a mais famosa também.

— É o Apolo! — disseram Hipólita, Maia e João em uníssono.

— Tô lisonjeado pelo mais simpático, paidrasto — Apolo disse ao levantar, fazendo todo mundo rir. Ele deu um abraço em Otávio e pegou o presente. — Obrigado. — O rapaz abriu o embrulho prateado e encontrou um par de meias em um tom chamativo de amarelo com uma estátua grega em cada calcanhar. Ele mostrou para o resto da família e o consenso geral foi de que o presente não poderia ter sido melhor.

— Um deus do Sol para o deus do Sol — brincou Otávio, satisfeito pelo sucesso da sua escolha.

— Eu vou usar e postar nas redes sociais — Apolo garantiu. Ele deixou seu presente de lado e soltou um suspiro no centro da "roda". — Minha vez agora, e eu fiquei muito feliz por ter tirado essa pessoa.

— Então você não ficaria feliz se fosse outra? — implicou Cali, que recebeu uma careta do irmão.

— Não, mas é sério. Minha amiga oculta é a pessoa mais incrível do mundo, a mais inteligente, a mais amorosa, a mais perfeita por ter criado algo perfeito: eu — disse Apolo.

— Ai, meus deuses, você me tirou, filho? — Clara gritou, e deu um berro quando Apolo "fez que sim" com a cabeça. A família toda riu quando ela se levantou e se jogou nos braços do rapaz, que tinha um sorriso branquinho nos lábios. Ela o segurou pelo rosto e o encheu de beijos, depois pegou o presente e o abriu, encontrando um par de meias coloridas da Calvin Klein. — Eu amei! — ela disse, ainda segurando o embrulho enquanto Apolo ia se sentar. — Eu espero que minha amiga oculta também goste do meu presente, mas nunca se sabe, porque ela tem muito bom gosto.

— Ih, já sei que não sou eu — disse João.

— Até porque seus pronomes não são femininos, ou são? — Cali o provocou, o que fez o rapaz dar um beijo na bochecha da namorada.

— Conta mais, mãe — disse Maia, atenta.

Clara suspirou, ficando com lágrimas nos olhos. Ela realmente tinha escolhido a pessoa certa quando decidiu se casar com Otávio.

— Ai, eu não dou pra essas coisas — a mulher desabafou. — Não sei como falar dos meus filhotes sem me emocionar.

— Anda, mãe — Hélio a apressou, pois sabia que se dessem corda ela falaria por trinta minutos. Clara respirou fundo de novo, se concentrando.

— Ok. Minha amiga oculta não só tem muito bom gosto, como é uma excelente cozinheira. E uma pessoa muito sincera. — Alguém disse "Stella" e Clara encarou a enteada, que arregalou os olhos, surpresa. — A gente não começou com o pé direito, mas hoje sinto que somos amigas, não somos?

— Ai, que fofo — disse Apolo, e ninguém sabia se era genuíno ou se era uma provocação, porque com Apolo nunca dava para ter certeza.

— E eu tenho muito orgulho da mulher que ela é. — Stella continuou sentada, sem ter certeza de que a madrasta estava falando dela. — Vem, Sté, é você mesma.

A garota se levantou, em meio ao coro dos seus irmãos, e deu um abraço apertado na madrasta. Clara deu um beijo na cabeça dela e as duas sorriram uma para outra, de um jeito cúmplice que ninguém imaginaria ser possível quando elas se conheceram. O mundo dava muitas voltas e uma das provas disso era o relacionamento de Stella com a esposa do seu pai.

Ela abriu o presente e encontrou um par de meias azul-pastel com os dizeres "not your babe" que a fizeram rir.

— Acertou em cheio — a menina concluiu, o que deixou Clara aliviada.

— Foi a Maia que me ajudou a escolher, não é mérito só meu — a mulher falou e sentou ao lado da filha mais nova, que sorriu orgulhosa.

— Eu falei que ela tinha bom gosto também — Leo murmurou e João Augusto bagunçou o cabelo dele.

— Bom — Stella encarou a família. — Eu espero que vocês entendam que eu não comprei meias pra minha amiga secreta.

— Como assim? — Hipólita protestou. — Era esse o combinado.

— Detesto concordar com ela, mas Hipólita tá certa.

— Sim, eu sei — Stella não parecia nem um pouco arrependida. — Mas eu achei que minha amiga secreta merecia algo mais legal do que meias. Porque quando eu tinha a idade dela ia ficar irritada se ganhasse isso de presente. Então, eu comprei uma coisa que ela me disse que queria um tempo atrás, mas acabou que ninguém deu de presente de Natal.

— Qual das crianças você tirou? — Edu perguntou do computador.

— Só tem uma criança na família agora — Maia rebateu, para o orgulho de Apolo.

— Fui eu? — A vozinha estridente de Selene se sobressaiu. Ela deu um pulo da cadeira, toda feliz, e soltou um gritinho antes de correr para abraçar Stella. Todo mundo riu da cena e a própria Stella se derreteu com o carinho da pequena. Selene rasgou o embrulho com voracidade e deu um pulinho quando viu o livro que estava lá dentro. — É o livro do Percy Jackson!

— Sim! Você me disse que queria, lembra? Eu achei que o Edu fosse te dar, por isso não comprei no Natal.

— Eu ia, mas acabei mudando de ideia — Edu explicou, mas como havia sido ele quem comprara a tal Barbie que Selene mais queria, ainda estava no lucro. A menina ficou tão contente com o presente que abraçou Stella de novo.

— É o orgulho da família, se interessando por Mitologia Grega sem eu nem ter precisado forçar — disse Clara, toda contente.

— Com algum de nós ia acabar funcionando, né, mãe.

— Ok, mas deixem ela falar, é a vez dela agora — pediu Cali e toda a atenção se voltou para a menina de nove anos. — Quem você tirou, Sel?

Ela era uma garotinha desinibida, com muita personalidade. Apesar de se parecer mais com Maia fisicamente, todo mundo dizia que ela era uma versão 2.0 da Hipólita, porque o temperamento era o mesmo. Selene não se intimidou com a plateia toda a encarando e abriu um sorriso banguela, ainda abraçando seu livro como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

— Hum — ela pensou, então olhou para a mãe. Clara assentiu, a encorajando a continuar. — O meu amigo oculto... é alto. E gosta de livros que nem eu.

— Ih, já não sou eu — Apolo fez graça e Stella deu um tapa no ombro dele. Mas Selene riu do irmão, inabalada.

— Não é você, Apolo — ela garantiu. — Até porque você já foi, gênio.

Os irmãos riram da cara dele. João Augusto estendeu a mão para Selene bater, e ela assim o fez, se sentindo.

— O meu amigo oculto não é meu pai de verdade, mas eu decidi que ele é, sim, então isso conta como verdade, não conta? — Ela estendeu o presente na direção do Otávio, que estava todo derretido pela garotinha. — É você, pai.

— Ai, meu Deus — Patrícia e Stella estavam uma abraçada na outra, completamente rendidas. Cali tombou a cabeça no ombro de João e Edu abriu um sorriso do tamanho da tela do notebook onde estava. Otávio foi até Selene e se abaixou para abraçar a menina.

— Amo tu, guriazinha — ele disse, dando um beijo no rosto dela. Otávio abriu o presente, emocionado, mas acabou rindo quando viu uma meia laranja com estampas de caixa de leite e o dizer "leite quente dói o dente", uma clara referência ao sotaque do homem. — Eu tenho certeza que foi sua mãe que te ajudou a comprar isso, não foi?

— Não mesmo, fui eu que escolhi, ela só pagou — disse a menina, fazendo todo mundo rir. Otávio deu outro abraço nela e Selene sentou entre Maia e Hélio, que fez um carinho na menina.

— Quem vai continuar agora? — ele perguntou. — A conta fechou, vamos ter que começar de novo.

— Eu vou — disse Edu, se voluntariando. — Eu sou o mais velho, de qualquer maneira.

— Exibido — implicou Hipólita.

Eduardo sorriu e passou a mão pelos cachos castanhos.

— Bom, o meu amigo secreto é um cara que eu admiro muito, na verdade — disse. — Gosto muito de conversar com ele e tenho muito orgulho das coisas que ele tá fazendo. Eu acho que a gente é bastante parecido, e eu fico muito feliz que nos tornamos irmãos. Hélio — Edu balançou a sacolinha que estava segurando. — O presente, na verdade, não tá aqui, eu comprei numa loja do Brasil e a Clara embrulhou pra mim.

Clara entregou o presente para Hélio.

— Pô, cara, obrigado! — disse ele, genuinamente agradecido pelas coisas que o irmão postiço dissera. — A recíproca é totalmente verdadeira. — Ele abriu o pacote e deu de cara com um par de meias em um tom de azul com estampas de abacaxi e detalhes em laranja. Soltou uma risada. — Abacaxis.

— Pra combinar com aquela camisa lá que tu tens — Edu brincou.

— Perfeito — disse Apolo. — Inclusive vou roubar.

— Vai o cacete — disse Hélio, que se levantou para dar continuidade ao evento do dia. — Obrigado de novo, Edu... E quanto ao meu amigo oculto, bom... — ele fez uma cara de "tem é coisa pra falar sobre esse ser humano" e ajeitou seus óculos. — É uma garota. Eu vi ela nascer.

— Maia, Cali ou Hipólita — balbuciou alguém.

— E ela só deu trabalho desde o momento em que nasceu, na verdade — Hélio continuou. — Até fugir com um moleque aí e pisar num prego ela já fez. — A família toda riu, já cientes de quem ele estava falando. Mas se não fosse suficiente, Hélio encarou a irmã. — Ela é doida, mas não existe tédio quando ela tá por perto, né, Lili?

Hipólita abriu um sorriso presunçoso e se levantou para dar um abraço no irmão. Ele beijou a cabeça dela e esperou enquanto a garota abria o pacote. Era um par de meias com um desenho de fogo roxo que ocupava a superfície quase inteira do pano, que era a cara de Hipólita. Ela abriu a boca, empolgada, e encarou Hélio quando disse:

— Meu Deus, eu já até sei com que roupa usar!

— Que bom que você gostou — ele parecia realmente aliviado. Hélio era meticuloso e sempre se estressava para decidir os presentes que ia comprar e Hipólita era uma pessoa exigente. Ele sentou com os irmãos enquanto a adolescente encarava a família.

— Eu amei — ela falou de novo. Deixou o presente de lado e se preparou para discursar. — Bom, meu amigo oculto é a pessoa mais complexa que existe pra eu explicar como está ligado a mim. — A garota suspirou. — Ele é meu irmão postiço, mas é também meu cunhado, e é um chato em ambos papéis. — Revirou os olhos, teatralmente, fazendo um sorriso infantil invadir o rosto de João Augusto. — Mas eu fico feliz pela Cali ter acertado pelo menos uma vez na vida e escolhido um namorado que sabe reconhecer que precisa se dar bem comigo.

— Você é ridícula — Cali reclamou, seguindo o protocolo da relação de gato-e-rato das duas que, àquela altura da vida, estava se tornando mais um teatro para entretenimento do que verdade. Hipólita mostrou a língua para a irmã mais velha, e João se levantou para buscar seu presente.

— Acabou que você que me tirou mesmo, hein, chatinha? Vem cá — disse João, a abraçando apertado do seu jeito grudento que fazia Hipólita dizer:

— Ai, já chega, Guto. Já chega.

Ele a soltou, rindo, e abriu o pacote verde onde estavam suas meias. Encontrou um par de meias xadrez colorido no cano, e azul-marinho na sola do pé. Ele sorriu.

— Sabia que você ia acertar.

— Eu sempre acerto. — Ela piscou para ele e voltou para seu lugar. João coçou a cabeça e a garganta, pensando em como começaria a falar. A família toda olhou para ele e foi ficando em silêncio aos poucos, à espera. Ele era um rapaz sensível, e seu coração acelerou quando pensou no que poderia dizer sobre sua amiga secreta.

— Merda, isso é difícil — ele riu de nervoso, e Stella, que sabia quem ele tinha tirado, contorceu o rosto para impedir o sorriso. Ela cruzou os braços, atenta ao que o irmão diria.

Ele suspirou e passou o cabelo para trás da orelha, visivelmente nervoso.

— Desembucha, João Augusto — mandou Apolo.

— Calma — ele pediu. — Hum.

— Ai, lá vem — Hipólita disse baixinho para Maia, que apenas riu.

— É difícil falar da minha amiga secreta porque ela representa coi-

sas demais pra mim — João começou, sem olhar pra ninguém em específico. — Ela... ela me faz acreditar em coisas que eu não achava serem possíveis, e ela acredita em mim muito mais do que eu mesmo e me faz ser uma pessoa melhor — ele continuou. — Eu acho que é isso o que as pessoas procuram umas nas outras. Eu não sei como um piá como eu foi dar sorte de encontrar uma guria como ela, mas estar prestes a entrar num ano novo e saber que tenho ela comigo é tudo que eu podia querer. — Ele abriu seu sorriso contagiante, com os olhinhos brilhando enquanto fitava a namorada. — Tu é o amor da minha vida, tu sabe disso, né?

Cali ficou tão vermelha quanto seus cabelos. Ela não disse nada, apenas se levantou e deu um beijo no namorado, causando uma comoção na família.

— Isso é marmelada! — disse Edu.

— Marmeladaaaaa — Patrícia e Maia entraram no coro.

Mas o casalzinho feliz se abraçou e deu mais um beijo antes de se separarem. João entregou o presente para Cali, que desembrulhou com rapidez e encontrou um par de meias vermelhas com um desenho de olho se revirando de cada lado.

— Bem a minha cara — ela disse. Então o fitou. — Te amo, Augusto. Obrigada.

Ele a abraçou de novo antes de sentar, recebendo tapas na cabeça dos irmãos implicantes. Otávio e Clara trocaram um olhar cúmplice e se aninharam um no outro enquanto Cali se recompunha.

— Que saco — ela disse, secando os olhos marejados por trás dos óculos. Respirou fundo, puxando a trança embutida para frente. — Bom eu acho que ninguém vai fazer um discurso melhor do que o dele, então muito obrigada, João, por ter elevado tanto o nível pra mim, que

tenho que falar logo depois de você. Nenhuma pressão.

Os irmãos riram e João mandou um beijo brincalhão para ela.

— Mas, enfim, meu amigo oculto é a única pessoa nessa família que tem uma coleção de ouro de respeito. Medalhas de ouro — Acrescentou, encarando Leo. — Você é, tipo, quatro anos mais novo que eu e muito mais bem-sucedido. Não preciso te ensinar mais nada e isso é incrível.

O garoto riu e foi até Calíope enquanto os irmãos batiam palmas.

— Meu amor todinho! — Stella gritou, fazendo alguns dos irmãos rirem e Leo balançar a cabeça.

Ele e Cali trocaram um aperto de mão particular e se abraçaram. O garoto balbuciou um "obrigado, Cali" e riu de novo quando viu suas meias cor-de-rosa com desenhos de ondas do mar. Depois disso, coçou a testa, encabulado ao precisar falar diante de todo mundo. Leo não era uma pessoa envergonhada, mas ele também não gostava muito de atenção. Ou, talvez, ele tenha apenas se acostumado com isso.

— Hum, acho que não restam mais muitas opções — ele começou a dizer.

— Pat ou Maia, quem dá mais? — perguntou Edu.

— Se for a Maia vai ser marmelada demais pra um dia só — disse Hélio.

— Minha amiga secreta foi quem me fez gostar de Michael Jackson porque me obrigava a assistir *De Repente 30* com ela e eu viciei em *Thriller* — disse o garoto. — E ela também faz as melhores decorações de biscoito de Natal.

— Patrícia! — disseram Cali e Stella ao mesmo tempo.

A loira deu um pulo do deque da piscina e se jogou em cima do "ir-

mãozinho" que já tinha ultrapassado sua altura. Ela apertou as bochechas dele, que desviou assim que conseguiu e saiu correndo enquanto ela abria o embrulho contendo suas meias que imitavam uma melancia.

— Achei fofo! — ela disse. — Obrigada, Leo. E eu nem sei o que dizer, né? Tá tão óbvio quem foi que eu tirei.

— Ah, mas diz alguma coisa mesmo assim — insistiu Otávio.

Pat encarou Maia, que usava uma tirara com pérolas nos cabelos escuros.

— Minha amiga secreta é uma das meninas mais fofas que eu conheço... E tem muito bom gosto — Pat disse, fazendo Maia sorrir. Ela passou uma mecha do cabelo para trás da orelha e mordeu o lábio. — É um privilégio te ver crescendo, Mai.

— Awn, modeuso, duas bebês — disse Stella. Apolo deu um peteleco na orelha dela. — Para, Apolo!

Maia abraçou Patrícia e abriu com cuidado o embrulho onde estavam um par de meias da era "Electra Heart" da Marina & The Diamonds, uma das cantoras favoritas da menina. Ela arregalou os olhos, surpresa e contente pelo presente.

— Uau, Pat, obrigada — disse com convicção. — Eu amei.

Pat encolheu os ombros, feliz por ter acertado, embora ela tivesse certeza de que iria. Nada era mais preciso do que presentear um adolescente de acordo com seu gosto musical e suas obsessões. E Maia, assim como Patrícia, era cheia delas.

A mais nova, que agora tinha um brilho diferente em seu rosto, encarou a família.

— Bom, não resta surpresa nenhuma de quem é meu amigo oculto, porque só falta ele, né? — ela disse. Então encarou a tela do note-

book. — Edu, você é o máximo. Eu sei que o Apolo é que é famoso, mas quando quero me gabar de um irmão mais velho, eu sempre penso em você também — ela admitiu, tirando risadas dos irmãos. — Eu e minha mãe compramos a meia pra você na Amazon daí do Reino Unido, você já recebeu, né?

O rapaz balançou a caixa de papelão que ainda não tinha sido aberta.

— Tá bem aqui! Recebi faz 5 dias, estava ansioso pra abrir — admitiu. — Vamos lá.

Ele pegou uma faca e rasgou os lacres do papelão enquanto todos esperavam com expectativa, conversando. Edu tirou uma sacola de plástico e, quando a abriu, se deparou com as meias verdes estampadas com a cara do buldogue francês do Edu, Bartolomeu, que não tinha ido com ele para a Inglaterra, então ainda morava no apartamento em Botafogo com João Augusto e seu amigo Diogo. Edu quase caiu para trás quando viu o presente, maravilhado. Ele soltou uma gargalhada gostosa e se iluminou inteiro.

— Essa é a melhor coisa que eu já ganhei na vida — ele disse. — É o Bart! Olha só!

Ele mostrou as meias na câmera e a família se amontoou na frente da tela para ver melhor.

— Eu tô igualmente maravilhada e horrorizada — brincou Cali, fazendo os outros rirem.

— Eu amei — disse Pat. — Meu Deus, será que tem como mandar fazer uma dessas aqui no Brasil? Quero dar de presente pro Maurício.

— Com certeza tem, sim, querida — respondeu Clara.

— Acho que a Maia acabou de vencer o prêmio de melhor presente do ano — brincou Hélio.

— De lavada! — concordou João.

— Eu falei que tinha bom gosto — foi a resposta da menina.

Eles ainda passaram mais algum tempo de frente para o notebook, admirando a meia, mas não demorou para Eduardo desligar (já que era bem tarde na Inglaterra, depois de meia-noite, o que significava que ele já estava em 2019). Ele tinha comemorado com alguns amigos na casa de uma tal de Maxine, que era um nome recorrente nas histórias que ele contava sobre sua estadia na Terra da Rainha. Era uma garota que estava no mesmo programa de Mestrado dele, natural de Costa Malva, e todo mundo na família tinha uma opinião sobre a natureza do relacionamento dos dois — embora o próprio Edu não admitisse nada.

Hipólita, considerada a "filha do meio", e os irmãos Medina-Becker mais velhos que estavam no Brasil se organizaram para irem à festa na casa de um dos amigos do João. Foi uma comoção de vozes, uma se sobrepondo a outra, e passos para cima e para baixo da escada da casa, enquanto todo mundo pegava os pertences que levariam consigo. Otávio se ofereceu para dar uma carona, mas eles iriam andando mesmo, já que Ramon morava perto. Uma das maravilhas de uma cidade pequenina e interiorana como Assunção era segurança, mesmo às dez horas da noite.

Eles se despediram da família e saíram rindo e falando alto, com suas roupas de verão e bebidas em sacolas de plástico para consumirem na madrugada da virada do ano de 2018 para 2019. Apenas Maia, Leo e Selene ficaram em casa com os pais, pois seus amigos tinham todos se dispersado e eles não se importavam de não fazer nada naquela noite.

Eles tinham um ao outro, e para ambos isso era suficiente.

— Bem, parece que somos só nós de novo, né? — disse Otávio,

quando estavam todos de volta ao quintal da casa, comendo o churrasco que ele tinha preparado.

Fazia dois anos que todos os outros membros da família se mudaram para fazer faculdade, deixando Hipólita, Leo, Maia e Selene como os únicos irmãos Medina-Becker a ainda residirem em Assunção com os pais. Em julho de 2018, entretanto, Clara e Leo se mudaram para Curitiba, porque ele precisava começar a treinar com seu novo time de Natação. Otávio havia ficado em Assunção com Maia, Selene e Hipólita, para que elas não precisassem trocar de escola no meio do ano igual ao garoto. Mas em janeiro, mais precisamente em apenas alguns dias, todos estariam de malas prontas para se mudar para Curitiba de vez.

— É muito mais calmo quando estamos só nós — Maia comentou, o que fez tanto Leo quanto Otávio rirem.

— Eu gosto quando todo mundo tá junto — Selene deu sua opinião. — Mas é muito melhor que não seja todo dia.

— Minhas meninas são bastante sinceras — Clara brincou. — Mas sabe de uma coisa? Eu sinto falta da casa cheia. Pelo menos essa casa aqui. — Ela olhou em volta, se lembrando de outros tempos, que pareciam, às vezes, outra vida. Tudo mudava muito depressa, mas era da natureza de Clara abraçar as tais mudanças.

— E na casa de Curitiba? — Maia quis saber. Ela já tinha ido visitar o lugar algumas vezes nos últimos meses, mas estaria mentindo se dissesse que não estava ansiosa para a mudança. Tanto do jeito positivo quanto do negativo. Ao contrário da mãe, a adolescente era muito mais cautelosa a respeito de transformações.

Clara encarou a filha.

— Na casa de Curitiba eu acho que nós seis vamos preencher o suficiente. Ela não é tão grande quanto essa aqui. Essa casa aqui grita

pelo nome dos seus irmãos — Clara riu sozinha. — Vocês não acham?

Leo nunca tinha parado para pensar nisso, mas ele achava que sua madrasta tinha razão. Ele nunca percebera o quanto aquela casa era feita de ausências além de presenças até ir para Curitiba e não ouvir nada no silêncio da nova moradia. A casa de Assunção nunca estaria completa sem os outros filhos, mas Curitiba representava um novo começo para aqueles que ainda estavam por perto.

— Acho que já era hora da gente seguir em frente — o garoto concordou. — E a gente sempre vai poder voltar pra cá, todos nós.

— Sempre, meu filho — reiterou Otávio. Ele deu um gole na cerveja que estava bebendo e fitou suas "crianças". — E já que estamos aqui, o que vocês acham de assistirmos a um filme juntos enquanto não chega a meia-noite?

— Eu posso escolher? — perguntou Selene, sem dar tempo de ninguém responder antes.

Otávio riu, fazendo carinho nos cabelos dela.

— Pode, mas todo mundo tem que concordar com a escolha.

A caçula virou para os irmãos, ansiosa.

— Por favor, *Big Hero*, por favor.

— Por mim, tudo bem — Maia riu, pegando outro pedaço de linguiça. Leo deu de ombros.

— Vamos de *Big Hero* então.

— Certo, mas primeiro me ajudem a levar toda essa comida de volta pra cozinha — pediu Clara.

E lá foram os três irmãos mais novos de uma família de onze filhos ajudarem os pais pacientemente a arrumarem a casa que eles tanto amavam. Eles se dividiram para levarem tudo para dentro, sem darem

muitas voltas, rindo ao tentarem imaginar como estava sendo a festa dos mais velhos, pois tirar sarro deles era um dos seus passatempos favoritos.

Eles se sentaram de frente para a televisão da sala de estar, a poucas horas de mais um ano que se iniciaria, sem saber o que aconteceria no futuro e se seus destinos em Curitiba seria tão bons quanto esperavam, mas certos de que, não importava o que acontecesse, seria uma aventura diferente do que já tinham vivido antes. E isso, por si só, já fazia valer a pena.

BRUNA FONTES nasceu em 1993 durante uma baita tempestade de agosto, na cidade de Niterói. Formada em Letras, começou a escrever quando descobriu o mundo das histórias online e depois disso nunca parou. É revisora, tradutora e professora, além de preguiçosa profissional. Ainda quer conhecer o mundo todo e sua única certeza é a de que estará sempre preparando um próximo livro.

La La Land, seu romance de estreia, era uma das webnovelas mais acessadas da Só Webs, uma comunidade de histórias online no Orkut, e ganhou vida no papel após vencer o concurso literário Publiki Meu Livro em 2013. Já a série Medina-Becker possui mais de 4 milhões de leituras no Wattpad e foi vencedora de 2 prêmios Wattys, em 2015 e 2016. A autora venceu também mais um prêmio Wattys em 2018 pelo livro *Terceiro Tempo*.

@queenbrubs

Conheça outros títulos da
Duplo Sentido Editorial!
Acesse nosso site
WWW.DUPLOSENTIDOEDITORIAL.COM

@duplosentidoed

Duplo Sentido
editorial